

A sexualidade no mundo da música brega.

Pedro Henrique Silva Nunes*

Resumo:

É comum percebermos em certos setores da música popular, elementos que transgridem aspectos relevantes do que seria considerado bom gosto por uma parcela da sociedade. A sexualidade, por exemplo, pode ser um foco importante de estudos sobre esta transgressão.

O *tecnobrega*, traz consigo características que ultrapassam as condutas consideradas suportáveis. Ela radicaliza o sexo evocando-o de forma escancarada, pornográfica.

Entretanto, é imperativo problematizar essas transgressões, procurando entender até que ponto tais posturas são, de fato, transgressoras ou apenas reiteram a lógica repressiva em que está submetida a sexualidade dentro do sistema capitalista.

Abstract:

It can be noted, in some sectors of popular music, some elements that infringe what is well thought good for some pieces of society.

The sexuality, for exemplo, can be a study focus about this transgression.

The “tecnobrega”, arising from norte and northeast, has characteristic that exceed what is tolerable for society, radicalizing the sexuality and evoking sex and pornography.

However, it's important to argue about this transgression trying to understand when this conducts are really infrigent or just conform the repression that is submit the sexuality in capitalist system.

Palavra Chaves: música popular, sexualidade, alienação.

Keywords: Popular music, sexuality, alienation.

Introdução:

* Graduando de História da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do CNPq.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa sobre o “mundo brega”, contribuiu nesta análise um famoso espaço de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro: O Centro de Tradições Nordestinas. Com foco muito maior no público e em seus comportamentos, o desdobramento se deu no exame de uma vertente particular da música *brega* que traz consigo um sem número de informações e uma estética particular; em segundo lugar no lazer, nas formas de absorção e contribuição de um público específico relacionados à sexualidade.

Sexualidade, trabalho e alienação vistos a partir da música brega:

O novo brega surge no século XXI, como um estilo musical oriundo do norte e nordeste, o chamado *brega pop* ou *tecnobrega*. O corpo em evidência é talvez o principal fator de composição do *tecnobrega*. As músicas são dançantes e há casais de bailarinos que fazem coreografias extremamente sexuais. As roupas valorizam certas partes do corpo, servindo também como formas de explorar a sensualidade, assim como as letras das músicas que tratam de paixões relacionadas ao prazer carnal em que se busca o sexo imediato e intenso (Fontanela, 2002: 20).

Tais particularidades de uma estética que tanto se afasta dos cânones não agradam as classes médias e a elite. Entretanto, deve se levar em consideração a identificação de grande parte da sociedade por estes ritmos. Julgar a partir de pontos de vistas comportamentais específicos, propondo padrões do que seria a mais bela forma de se produzir artisticamente é uma maneira preconceituosa de enxergar movimentos espontâneos que se referem a formas legítimas de manifestações culturais.

Para além de uma visão elitista sobre as condutas e gostos relacionados à produção artística, uma reflexão se faz importante acerca desta problemática que envolve a sexualidade. É possível pensar em transgressões quando analisamos o *bregapop*, já que os padrões da alta cultura não suportam a maneira radicalizada com que o sexo é evocado, identificando-o como uma estética pobre e feia. Poderíamos pensar neste fato como uma espécie de resistência, poderíamos mesmo falar numa contra cultura em que novos comportamentos amorais emergem numa reivindicação contra o aprisionamento do corpo.

Algumas questões, porém, são necessárias: Percebendo que os momentos de lazer da classe trabalhadora são escassos como os corpos se tornam tolhidos e qual é a forma encontrada pelos trabalhadores para promover uma liberdade, ainda que momentânea?

Será que essa possível libertação do corpo pode ser entendida como uma transgressão, ou os assuntos relativos ao sexo presentes no universo do lazer da classe trabalhadora, particularmente no mundo *brega*, apenas reiteram a lógica repressiva em que está submetida a sexualidade no sistema capitalista?

Apesar do incômodo causado com a ousadia dos grupos musicais e do público, o que fica é uma reiteração de aprisionamentos estabelecidos. E isto tem haver com a própria dinâmica e estrutura da sociedade, com uma disciplinarização do corpo que não permite que possamos experimentar um erotismo que vá além da objetivação imposta pelas necessidades, já que toda a nossa libido é desviada para este fim. Segundo Herbert Marcuse:

O trabalho básico, na civilização, é não-libidinal, é labuta e esforço; labuta é 'desagradável' e por isso tem de ser imposta(...). Se não existe um instinto de trabalho original, então a energia requerida para o trabalho (desagradável) deve ser 'retirada' dos instintos primários - dos instintos sexuais e dos destrutivos. Como a civilização é, principalmente, a obra de Eros, é acima de tudo retirada de libido (Marcuse, 1968: 86).

Como as energias instintivas principais da condição humana são utilizadas na forma de trabalho desagradável, o que ocorre é uma espécie de atrofiamento das capacidades eróticas que ficam restritas às zonas genitais. A sexualidade existente nas formas de expressão do *brega pop*, ao invés de caracterizar uma alternativa a estas travas, compõe com o problema social da objetivação do sexo, servindo como libertação momentânea, necessária para a manutenção das relações estabelecidas, mantendo o foco no intercuro genital, monogâmico e tradicional. “Tal descarga de sexualidade fornece uma saída periodicamente necessária para a frustração insuportável; robustece mais do que debilita, as raízes da coação instintiva” (Marcuse, 1968: 178).

Marcuse fala de uma libido que está inserida em limites institucionalizados e que é conservado por um princípio de realidade que mantém as estruturas sociais da maneira como a conhecemos. Segundo o autor:

Tendo deixado de ser usado como instrumento de trabalho em tempo integral, o corpo seria ressexualizado. A regressão envolvida nessa propagação da libido manifestar-se-ia, primeiro, numa reativação de todas as zonas erotogênicas e, conseqüentemente, numa ressurgência da sexualidade polimórfica pré-genital e num declínio da supremacia genital. Todo o corpo se converteria em objeto de catexe, uma coisa a ser desfrutada – um instrumento de prazer. (...) Contudo, o processo que acabamos de esboçar envolve não uma simples descarga, mas uma transformação da libido – da sexualidade refreada, sob a supremacia genital, à erotização da personalidade total. (...) Essa transformação da libido seria o resultado de uma transformação social que autorizou o livre jogo de necessidades e faculdades individuais. Em virtude dessas condições, o livre desenvolvimento da libido transformada, para além das instituições do princípio de prazer, difere essencialmente da liberação da sexualidade reprimida, dentro do domínio dessas instituições. (...) O livre desenvolvimento da libido transformada, dentro das instituições transformadas, embora erotizando zonas, tempo e relações previamente tabus, reduziria ao mínimo as manifestações de mera sexualidade mediante a sua integração numa ordem muito mais ampla, incluindo a ordem de trabalho (Marcuse, 1968: 177-178).

Conclusão:

A discussão sobre a sexualidade pode ser inserida na problemática da alienação do trabalho, já que Marcuse propõe a sua integração numa ordem mais ampla. Uma das contribuições para que a sociedade tenha uma sexualidade repressiva é justamente o fato de as pessoas terem que conviver, na grande maioria do tempo, com um trabalho indesejável e castrador. Sobra apenas o tempo livre, para que sem pensar em nada que seja produtivo as pessoas exaustas possam extravasar e aliviar ao máximo o corpo e a mente para retornar mais forte ao trabalho. Segundo Adorno: “Tempo livre, entretanto, não está em oposição somente com trabalho. Em um sistema, no qual o pleno emprego tornou-se ideal em si mesmo, o tempo livre segue diretamente o trabalho como sua sombra”(Adorno, 2006: 113). Ou seja, é bastante necessário que haja esse tempo livre com seu caráter renovador, mas que sirva à manutenção das instituições e da ordem da divisão social do trabalho.

Na ausência de uma liberdade natural dos corpos que exista, inclusive, nas relações de trabalho, o erotismo necessita vir à tona nas horas vagas. Para isso a indústria cultural também se posiciona. Não há criatividade, nem discussão acerca das formas corporais, das possibilidades eróticas que não se resumem apenas ao ato sexual como intercuro

genital, mas às diversas possibilidades de percepção dos sentidos. O condicionamento é mantido pelos inúmeros produtos oferecidos pela indústria do sexo reiterando o vazio de uma satisfação que está muito aquém das possibilidades instintivas dos seres humanos.

Referências bibliográficas:

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ARAÚJO, Paulo César de. *Eu não sou cachorro não. Música popular cafonha e ditadura militar*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FONTANELA, Fernando Israel. *A estética do brega: Cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife*. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de pós graduação em Comunicação, 2005.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização. Uma interpretação filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.